

## CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR PARA A SUPERAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR: A NÃO OCORRÊNCIA\*

Geraldina Porto Witter (PUCCAMP)

O fracasso escolar é um problema que atinge todo o sistema educacional brasileiro em todos os seus níveis. A Psicologia Escolar **poderia** contribuir em muito para resolver grande parte do problema. Todavia, isto **não ocorre**, exceto em situações particulares e, quando tal acontece, via de regra serve como testemunho do muito que se poderia fazer **no e pelo Brasil** a partir de uma adequada participação do psicólogo escolar.

Sem pretender fazer uma exaustiva avaliação da não ocorrência de contribuições eficientes, sistemáticas e capazes de mudar o quadro desolador do ensino no Brasil, por parte da Psicologia Escolar, serão apontados aqui alguns aspectos para a reflexão. A questão pode ser vista do ângulo da Universidade e dos níveis anteriores (1º e 2º graus).

A Universidade tem também problemas de fracasso escolar, até mesmo a nível de pós-graduação, mas a tendência tem sido dar pouca ou nenhuma atenção ao fato, à busca de suas causas ou aos procedimentos que previnam ou eliminem tais problemas. Há, naturalmente, pesquisadores que enfocam o tema, que buscam criar e testar procedimentos para melhorar ou reverter o quadro (PATTO, 1984; SANTOS, 1990). Em geral, os resultados que alcançam mostram que Psicólogos Escolares e especialistas de área conexa poderiam estar trabalhando juntos para resolver este problema no ensino superior. Acontece que **tais êxitos** e as sugestões oriundas destes trabalhos esparsos não são absorvidas e implementadas pelas instituições. Desta forma, após as brilhantes pesquisas, as inovações acabam cristalizadas em umas poucas experiências, das quais resultam dissertações e

---

(\*) Trabalho apresentado no III Simpósio Brasileiro de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP.

teses. Uns poucos alunos são beneficiados e não há democratização suficiente, quer do saber quer do fazer psico-pedagógico pesquisado. O poder burocrático, o poder político são mais fortes que o poder do conhecimento científico. A instituição permanece inalterada em sua essência quanto ao trabalho psicopedagógico. O fracasso escolar universitário persiste.

Além do psicólogo escolar ter por dever cuidar do fracasso escolar que ocorre na própria Universidade, deve ocupar-se com o que acontece no primeiro e segundo graus. Aqui é preciso focar: a produção científica, a atividade de extensão e a formação de profissionais para atuação como psicólogo escolar.

O aspecto possivelmente mais básico diz respeito à formação profissional, posto que especialistas bem formados acabam por ser também bons pesquisadores e pessoas que, a partir de sua atuação, contribuem para o desenvolvimento do conhecimento na área. Esta questão tem sido enfocada por vários autores (OLSON, 1990; PINNELL & MATLIN, 1989; WITTER, 1977). É evidente que o espaço maior dos currículos e estágios tem sido dedicado à clínica e que a formação do psicólogo escolar não o habilita ao desempenho de suas múltiplas funções e papéis (CAMPOS, 1989; SANTANNA, 1984; WITTER, 1984). Ao que tudo indica, o psicólogo escolar que as Universidades estão formando não estão realmente aptos a atuar eficientemente diante dos múltiplos problemas que resultam em fracasso escolar.

Outro aspecto a considerar é que a Psicologia Escolar pode contribuir para a redução do fracasso, usando a estratégia de programas e projetos de extensão universitária. Esta estratégia, além de atender às necessidades de estágio dos seus alunos, deve fornecer à instituição em que o estágio se concretiza um retorno, o qual deve incluir o atendimento de seu principal problema — o fracasso escolar. Certamente, em alguns casos isto deve estar ocorrendo, porém nem sempre parece ter seu resultado devidamente avaliado quanto a seu impacto, quer na formação do aluno quer na situação da escola. Os poucos dados científicos disponíveis não apontam, no Brasil, de um modo geral, esta estratégia como uma contribuição significativa (GUZZO e WITTER, 1987; RIBEIRO e GUZZO, 1987; SANTOS, 1990).

Já no que tange à pesquisa na área, é mister lembrar que ela já tem uma história respeitável na busca de tecnologias, procedimentos, materiais, especialmente no que diz respeito à

leitura (CASTILLO, 1990; CASTRO, 1981; HUSSEIN, 1982). A produção das Universidades cresceu especialmente após a disseminação de cursos de pós-graduação, mas ela é ainda insuficiente para oferecer respostas, sugerir estratégias ou mesmo para fornecer instrumentos de avaliação para muitas das questões frequentemente relacionadas com o fracasso. É mister lembrar a necessidade de vincular mais as linhas de pesquisa aos problemas mais prementes das escolas e menos à curiosidade do pesquisador ou aos modismos que marcam a produção científica.

Em conexão com a produção científica, vale lembrar que as atitudes negativas dos pesquisadores são importantes. Elas aparecem no processo de coleta ou emanam de seus discursos, muitas vezes sem que qualquer problema da escola tenha sido atendido. Surgem atitudes defensivas da escola, erguendo barreiras à própria assimilação do saber científico e dificultando a outros o trabalho de pesquisa na escola. Esta consideração apoia-se na literatura, que mostra quão relevantes são estas atitudes para a aprendizagem e o relacionamento entre organizações e grupos (BANDURA, 1986; GARDNER, 1985; STAATS, 1975).

Isto remete à consideração da pouca mudança no quadro de fracasso escolar decorrente do que pode ser observado nas escolas de primeiro e segundo graus. A rigor, o psicólogo escolar está ausente destas escolas, não tem um espaço legalmente instituído, muitas vezes o registro profissional é de professor, mas como ele também é psicólogo passa a exercer, quase como uma deferência, os papéis de psicólogo. É um desvio que intenta precariamente resolver a ausência de cargo nos quadros funcionais. De fato, não resolve qualquer problema institucional de forma estável e adequada. Pior ainda, desestimula o profissional, quer para buscar uma especialização quer para envolver-se mais com os aspectos científicos e metodológicos, que pedem um esforço produtivo para a solução do fracasso. Cristaliza-se a situação e alimenta-se o desinteresse do universitário, e mesmo do corpo docente das escolas superiores para chegar a uma proposta de solução, que vá além das enunciadas em algumas pesquisas e teses.

A ausência de psicólogos escolares competentes, na grande maioria das escolas, já é por si só um elemento que reduz a probabilidade de assimilação, na rede, dos conhecimentos re-

sultantes das dissertações, das teses e de outras pesquisas. Surge um abismo entre o saber produzido na Universidade e as escolas dos outros níveis. Há necessidade de eliminá-lo. O que se observa ocasionalmente é o lançamento de toscas pontes entre os dois lados e não um fluxo seguro e contínuo de conhecimento. Desta forma, o saber de Psicologia Escolar gerado na Universidade nem sempre tem condições de chegar às escolas de primeiro e segundo grau. Novamente, o fazer pedagógico destas últimas escolas caminha sem que contribuições basilares para a superação do fracasso escolar sejam assimiladas.

A própria formação do psicólogo e de outros profissionais que atuam na escola precisaria ser revista, de modo a poderem atuar interdisciplinarmente e efetivando a passagem do saber gerado em um nível para outro. Isto implicaria em contar com docentes-pesquisadores em todos os níveis. Certamente, esta formação não está sendo cuidada como merece; assim é possível que nem tenham o repertório básico necessário para analisar criticamente esta produção e incorporá-la à vida escolar.

Desta forma, o saber produzido pela Psicologia Escolar não encontra no 1º e 2º graus, tanto quanto na Universidade, condições favoráveis para o seu desenvolvimento e para a sua aplicação, tendo reduzida a probabilidade de uma colaboração sistemática e efetiva para a recuperação do fracasso escolar.

Permeando todo este quadro negativo, está o próprio desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. Por ser ainda jovem e não ter ainda consolidado alguns aspectos essenciais do seu saber-fazer-poder, a Psicologia vive uma crise de desunião teórica, conceitual, metodológica e mesmo de atuação. Esta contingência reflete-se em muitos aspectos do seu emprego na escola. A ênfase está em marcar a presença desta ou daquela teoria como a única, a perfeita, a capaz de resolver os problemas. Ao mesmo tempo, procura-se denegrir as contribuições oriundas de outros enfoques ou, pelo menos, ignorá-las. Todavia, há uma base de similaridade entre elas que é freqüentemente oculta. Certamente, por trás da ênfase no diferente, no exclusivismo, está toda uma necessidade de segurança, de prestígio, e até mesmo de disputa de mercado (STAATS, 1983).

A situação de desunião reflete-se na busca de um espaço para o psicólogo escolar no sistema educacional, até no próprio saber-fazer ciência. Certamente, isto se reflete negativa-

mente na possibilidade de contribuição para redução do fracasso escolar.

As colocações feitas aqui caracterizam um quadro negativo quanto à contribuição pretendida, mas é preciso lembrar que há muitos casos que servem de contra-exemplo, isto é, servem para confirmar a regra de que, no Brasil, a não ocorrência de contribuição mais do que a sua concretização são a marca distintiva da participação da Psicologia Escolar no que diz respeito à superação do fracasso escolar.

Há necessidade de ações coordenadas para reverter esta situação. Entre elas, algumas são colocadas aqui para reflexão:

- Os trabalhos de campo e as pesquisas que constituem excelentes exemplos de como a Psicologia Escolar pode contribuir para superar o fracasso escolar, precisam ser estimulados e ter continuidade.
- As pesquisas devem estar predominantemente vinculadas à busca de solução para os problemas vivenciados nos três níveis de ensino.
- Os cursos de Psicologia precisam avaliar a formação que estão dando ao psicólogo escolar e garantir um aperfeiçoamento e uma atualização freqüente de currículo.
- Há necessidade de garantir condições para aperfeiçoamento, especialização, mestrado, doutorado e educação permanente para o psicólogo escolar.
- É imprescindível uma avaliação adequada do que vem sendo oferecido e usado nas escolas em termos de Psicologia Escolar.
- É inadiável a busca de um espaço legal para a atuação do profissional de psicologia integrar-se à equipe multidisciplinar das escolas, nos três níveis.
- A busca da unificação deve nortear o trabalho do psicólogo escolar.

Cada um destes aspectos comporta muitas estratégias e desdobramentos. Cabe às Universidades, às autoridades responsáveis pelo sistema educacional, às sociedades científicas e de classe, à própria comunidade, e a cada profissional um esforço para que todos estes aspectos sejam trabalhados concomitan-

temente e convergindo para que a contribuição da Psicologia Escolar não seja um exemplo ocasional, mas uma constante na luta para a superação do fracasso escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDURA, A. **Social Foundations of thought and Action. A Social Cognitive Theory.** Prentice-Hall, Inc, New Jersey, 1986.
- CAMPOS, L.F.L. **Supervisão Clínica: Um instrumento de Avaliação do Desempenho Clínico.** Dissertação de Mestrado, PUCCAMP, Campinas, São Paulo, 1989.
- CASTILLO, H.V. de **Alfabetização, Leitura Crítica e a Criança com Déficits Comportamentais.** Tese de Doutorado, IP-USP, São Paulo, 1990.
- CASTRO, M.L.U. **Programa de Leitura Recreativa: Efeito de dois Procedimentos de Treino com Escolares de Quarta Série do 1º Grau.** Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1981.
- GUZZO, R.S.L. e WITTER, G.P. **A Relação Psicólogo-Escola Pública na Região de Campinas: Um Estudo Exploratório da Opinião de Diretores.** *Estudos de Psicologia, Revista do IP-PUCCAMP, Campinas, São Paulo, 1987, 4 (8): 17-34.*
- HUSSEIN, C.L. **Leitura Crítica e Criativa: Teste de Procedimentos de Treino de Generalização — Um Estudo com Escolares de 5ª série.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1982.
- OLSON, M. (org.) **Opening the door to classroom research.** Newark (Delaware) : International Reading Association, 1990.
- PATTO, M.H.S **Psicologia e Ideologia,** T.A. Queiroz, São Paulo, 1984.
- PINNEL, G.S. e MATLIN, M.L. (org.) **Teachers and Research: language learning in the classroom.** Newark (DE) : IRA, 1989.
- RIBEIRO, P.R.M. e GUZZO, R.S.L. **Afinal, o que pode fazer o Psicólogo Escolar ?** *Estudos de Psicologia.* Revista do IP-PUCCAMP. Campinas, São Paulo, 1987, 4 (2) : 88-93.
- SANT'ANNA, H.H.N. **A Psicologia Escolar em São Paulo: Uma Contribuição à sua Avaliação e Perspectiva.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1984.
- SANTOS, A.A.A. dos **Leitura entre Universitários. Diagnóstico e Remediação.** Tese de Doutorado, USP, São Paulo, 1990.
- STAATS, A.W. **Psychology's Crisis of Disunity: Philosophy and Method for a Unified Science.** New York: Praeger Publ., 1983.
- STAATS, A.W. **Social Behaviorism.** The Dorsey Press, Ontário-USA, 1975.
- WITTER, G.P. **O Psicólogo Escolar: Pesquisa e Ensino.** Tese de Livre-Docência, IP-USP, São Paulo, 1977.